

Os jornalistas brasileiros em contextos de crises

Uma análise das trajetórias profissionais de 2012 a 2017

CAMILLA QUESADA TAVARES

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, Maranhão, Brasil

CINTIA XAVIER

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, Brasil

FELIPE SIMÃO PONTES

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, Brasil

ID 2040

Recebido em

19/12/2019

Aceito em

21/02/2020

Este artigo tem por objetivo investigar mudanças na carreira de 517 jornalistas brasileiros que atuavam na mídia em 2012 e que responderam a um novo questionário em 2017. Na última década, o mercado jornalístico foi atingido por uma grande crise, de diversas naturezas. Os postos de trabalho diminuíram e muitos profissionais foram obrigados a procurar outros empregos. Para entender as possíveis transformações nas carreiras desses profissionais, foi realizado um *survey online* em novembro e dezembro de 2017 com os jornalistas que participaram da pesquisa *Perfil do Jornalista Brasileiro*, em 2012. Os resultados indicam que metade dos respondentes saiu da mídia no período de cinco anos, migrando para as assessorias, docência e, principalmente, para empregos fora da área.

Palavras-chave: Trajetórias profissionais. Jornalistas brasileiros. Emprego.

El periodista mediático brasileño en un contexto crisis: un análisis de las trayectorias profesionales de 2012 a 2017

Este artículo tiene como objetivo investigar los cambios en las carreras de 517 periodistas brasileños que trabajaran en los medios en 2012 y respondieron a un nuevo cuestionario en 2017. En la última década, el mercado periodístico se ha visto afectado por una gran crisis, de varios tipos. Los trabajos han disminuido y muchos profesionales se han visto obligados a buscar otros trabajos. Para comprender los posibles cambios en las carreras de estos profesionales, se realizó una encuesta en línea en noviembre y diciembre de 2017 con los periodistas que participaron en la encuesta *Perfil del Periodista Brasileño (Perfil do Jornalista Brasileiro)*, en 2012. Los resultados indican que la mitad de los encuestados abandonaron los medios en el período de cinco años, migrando a servicios de asesoramiento, enseñanza y, principalmente, a trabajos fuera del área.

Palabras clave: Trayectorias profesionales. Periodistas brasileños. Empleo.

Brazilian media journalist in a crisis context: an analysis of professional trajectories from 2012 to 2017

This article aims to investigate changes in the careers of 517 Brazilian journalists who worked in the media in 2012 and answered a new questionnaire in 2017. In the last decade, the journalistic market has been hit by a major crisis, of various kinds. Jobs have declined and many professionals have been forced to look for other jobs. To understand the possible changes in the careers of these professionals, an online survey was conducted in November and December 2017 with the journalists who participated in the survey *Profile of the Brazilian Journalist (Perfil do Jornalista Brasileiro)*, in 2012. The results indicate that half of the respondents left the media in the period of five years, migrating to advisory services, teaching and, mainly, to jobs outside the area.

Keywords: Professional path. Brazilian journalists. Employment.

Camilla Quesada **TAVARES**

Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão.

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, Maranhão, Brasil.

E-mail: camilla.tavares@ufma.br

ORCID



Cintia **XAVIER**

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

E-mail: cintia_xavierpg@yahoo.com.br

ORCID



Felipe Simão **PONTES**

Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

E-mail: felipesimaopontes@gmail.com

ORCID



Introdução

O presente trabalho tem por objetivo investigar as trajetórias profissionais de 517 jornalistas brasileiros que responderam a duas pesquisas de *websurvey*: o *Perfil do Jornalista Brasileiro* (em 2012) e a *Trajetoárias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros* (em 2017). A pesquisa *Perfil do Jornalista Brasileiro* foi a primeira pesquisa amostral de cobertura nacional sobre a categoria (MICK; LIMA, 2013). Por sua vez, a pesquisa *Trajetoárias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros* busca avaliar mudanças e permanências nas carreiras de jornalistas em um importante período de crise do Brasil e do Jornalismo (PONTES; MICK, 2018). Um dos aspectos avaliado por este artigo é como a crise do jornalismo tem atingido os jornalistas que trabalham na produção midiática em veículos jornalísticos (jornalistas da mídia)¹.

De acordo com o levantamento do Volt Data Lab intitulado *A Conta dos Passaralhos*, que acompanha as demissões em empresas jornalísticas desde 2012 no Brasil, mais de 2,3 mil jornalistas foram demitidos das redações desde então, e o número de profissionais demitidos em empresas de mídia já ultrapassou os 7,8 mil. Esse cenário é identificado também em outros países. De acordo com De Mateo, Bergês e Garnatxe (2012), só entre 2008 e abril de 2009, 3,5 mil jornalistas foram demitidos dos veículos jornalísticos na Espanha. Nos Estados Unidos, o número é ainda mais expressivo: entre junho de 2007 e março de 2010, aproximadamente 35 mil pessoas perderam o emprego na indústria do jornal impresso (DEUZE; ELEFANTE; STEWARD, 2010).

A crise possui várias causas e manifestações, mas, no geral, identificam-na como fomentada, principalmente, pelos avanços tecnológicos que permitiram o acesso a uma plataforma de mídia que até então não estava disponível a qualquer pessoa ou grupo. Como a internet permite expandir barreiras – inclusive geográficas –, outros veículos da própria mídia tradicional, antes não concorrentes quanto à abrangência, passaram a competir pela atenção do leitor, independente da sua localização. Esse fenômeno é caracterizado como hiperconcorrência (CHARRON; BONVILLE, 2016). Além disso, as empresas tradicionais disputam espaço com a blogosfera progressista (CARVALHO, 2017) e com atores não-jornalísticos (SANTOS, 2017), os quais também atuam na promoção de informações a que cidadão tem acesso, como Google e Facebook (DEVITO, 2017).

A publicidade, principal fonte de renda das empresas, migra para outras produções midiáticas na internet e os jornais são os principais afetados por essa mudança (CURRAN, 2019). Para fechar a conta, a empresa passa a realizar ajustes e cortes de gastos, entre eles diminuir a equipe e aumentar as competências dos jornalistas (DEUZE, 2003; MCCHESENEY, 2003), reduzir a edição impressa ou ainda encerrá-la (ROBINSON, 2011), e restringir a abrangência e profundidade da cobertura com redução de sucursais e de jornalistas contratados em favor de *freelancers*, informações de assessorias ou reprodução de informações de segunda mão – não apuradas pelo próprio veículo (CURRAN, 2019). Desse modo, muitas redações foram enxutas ou fechadas e um número considerável de profissionais perdeu seus postos de trabalho.

Tendo esse contexto em vista, a pergunta que guia este texto é: quais as condições de trabalho dos jornalistas que atuavam na mídia em 2012, cinco anos depois? Para responder esses questionamentos, foram selecionadas informações da pesquisa *Trajetoárias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros* (2017). Dentre os 4.200 respondentes válidos da pesquisa *Perfil do Jornalista Brasileiro*, realizada em 2012, 1.233 participaram

¹ Trata-se de uma parte dos jornalistas, uma vez que a pesquisa de *Trajetoárias Profissionais*, assim como o *Perfil do Jornalista Brasileiro* (MICK; LIMA, 2013), entende que os jornalistas brasileiros podem ser divididos em três grupos: aqueles jornalistas que trabalham na mídia; jornalistas que trabalham como assessores de imprensa; e jornalistas que trabalham como docentes de jornalismo. Essa divisão considera, como é tradição na sociologia da profissão, que os professores universitários integram determinada profissão, pois são responsáveis pelo período de formação e consequente inserção dos indivíduos à carreira, além de serem aqueles que produzem e sistematizam conceitos que explicam e justificam a atuação profissional (FRIEDSON, 1996). A integração e identificação dos assessores de imprensa como jornalistas é parte peculiar do desenvolvimento da profissão de jornalista no Brasil. É de conhecimento geral que em outros países, como EUA e Portugal, há barreiras para a atuação de jornalistas como assessores e que estes deixam de ser jornalistas ao exercerem suas atividades em favor de um cliente que visa informar e influenciar a opinião pública. No Brasil, desde os anos 1980, há um esforço da categoria em integrar a assessoria de imprensa como uma das ocupações jornalísticas (FENAJ, 2007).

da nova pesquisa feita em 2017. Destes 1.233, 517 declararam em 2012 que atuavam como jornalistas na mídia (não eram assessores de imprensa, docentes ou estavam fora do jornalismo – desempregados, em estudo, aposentados ou em outra atividade não jornalística). Cabe ressaltar que a pesquisa *Perfil do Jornalista Brasileiro* (2012) foi dirigida a todos aqueles que se identificavam como jornalistas. Não foi oferecido ao respondente um conceito de jornalismo, e não se restringiu o questionário às respostas daqueles que exerciam a atividade naquele momento, uma vez que se considerou que o indivíduo pode manter o vínculo identitário com o jornalismo mesmo nas situações em que não está trabalhando em atividades jornalísticas (MICK; LIMA, 2013).

Neste artigo, porém, o *corpus* é composto pelos 517 profissionais que afirmavam atuar como jornalistas da mídia em 2012. Oferecemos um panorama sobre a área de atuação desses profissionais cinco anos depois da primeira pesquisa, avaliando se ainda trabalham como jornalistas da mídia, quantidade de fontes de renda, horas trabalhadas por dia e faixa salarial. Desse modo, realizamos um comparativo entre os anos para identificar as mudanças gerais presentes nas carreiras desses profissionais.

Além dessa introdução, os tópicos dois e três são destinados às discussões teóricas que oferecem suporte ao trabalho, em que abordamos o contexto de transformações pelas quais passa o jornalismo e a consequente precarização do trabalho. Em seguida, é apresentada a explicação metodológica da investigação e, na sequência, os resultados. Ao final, são apresentadas as conclusões.

As transformações do jornalismo tradicional contemporâneo

O modelo de jornalismo tradicional passa por um período de instabilidade, gerada pelas transformações no contexto social e tecnológico que deslocaram a profissão do centro para um ambiente relacional, forçando-a a um diálogo com outros agentes – muitos, inclusive, exógenos ao campo. Quando se mudam as bases que antes estavam relativamente estáveis e bem definidas, temos um período de crise (ZELIZER, 2015; ALEXANDER, 2016). Para alguns autores, a crise do jornalismo é cíclica (BREESE, 2016), ou seja, está presente em diversos momentos da história da profissão. No caso brasileiro, como lembram Russi, Moser e Oliveira (2015), a crise da imprensa é um assunto encontrado em várias obras e em diferentes marcos temporais.

No entanto, apesar de estar bastante claro para os profissionais e pesquisadores que o jornalismo passa por uma crise, ainda é difícil defini-la. Primeiro, porque não há um entendimento comum sobre o objeto da crise – se é o jornalismo em si ou modelo comercial do jornalismo (VAN DER HAAK; PARKS; CASTELLS, 2012). Se é de um tipo específico de produção jornalística, neste caso, o impresso (YOUNG, 2010; CARLSON, 2011; SILES; BOCZKOWSKI, 2012; NIELSEN, 2016) ou se a referida crise é consequência de um problema maior – uma crise estrutural do capital (SOUZA, 2018). O segundo ponto de dificuldade está em compreender como os pesquisadores têm classificado o presente momento, se é a partir da nomenclatura “crise”, sob a ótica das transformações, desafios ou, ainda, da incerteza (ZELIZER, 2015; NIELSEN, 2016). Um terceiro ponto diz respeito à heterogeneidade da crise, que não se manifesta da mesma forma em todos os países, mas sim tem causas e consequências diferentes de acordo com o contexto (NIELSEN, 2016). Por fim, o quarto desafio está justamente em compreender as diferentes perspectivas da crise, pois ainda há relativamente poucos estudos sobre o assunto – especialmente empíricos e na literatura nacional –, que busquem comparar diferentes contextos, para além dos países anglo-americanos (SILES; BOCZKOWSKI, 2012; NIELSEN, 2016).

Apesar de não ter uma causa única, um dos fatores que levou a toda uma estruturação do lugar do jornalismo e do papel dos jornalistas atualmente é o desenvolvimento das ferramentas da internet, que traz

como consequência um sistema de mídia híbrido (CHADWICK, 2013). Com isso, os profissionais se depararam com um ambiente que permite às pessoas comuns a produção de conteúdos, participação em debates que ocorrem nas páginas dos veículos, questionamentos ao discurso jornalístico e compartilhamento de materiais de uma infinidade de fontes de informação.

Esse cenário é identificado em diferentes países, com diferentes sistemas de mídia (HALLIN; MANCINI, 2004; CHADWICK, 2013; NIELSEN, 2016). No entanto, o tipo de crise que cada um experimenta varia de acordo com essas características. Nesse sentido, Nielsen (2016) analisa a crise do jornalismo em seis países, considerando o tipo de sistema de mídia identificado em cada um deles. Alemanha e Finlândia representam o conjunto classificado por Hallin e Mancini (2004) como “corporativista democrático”; Itália e França como “pluralista polarizado”; e Reino Unido e Estados Unidos como “liberais”.

Nielsen (2016) observa que países do norte europeu, como Alemanha e Finlândia, experimentam uma crise de confiança pública, e não passam por problemas econômicos ou profissionais, como em outros contextos. Já no sul europeu, em países como a Itália e França, a dificuldade econômica é a principal, fomentada por dois fatores: a baixa autonomia dos profissionais e a penetração digital na enfraquecida indústria desses países. No Reino Unido e nos Estados Unidos, a tecnologia é o motivo que impulsiona o discurso da crise, embora o autor identifique que também há uma crise econômica, profissional e de confiança, só que suscitadas por diferentes fatores, de acordo com cada sistema midiático (NIELSEN, 2016). Souza (2018), por outro lado, avalia que a crise do jornalismo é consequência de uma crise estrutural do sistema capitalista, defendendo que é necessário relacionar os problemas enfrentados pelo jornalismo com o contexto geral. A hiperabundância de dados, argumenta o autor, leva a um bloqueio de acesso ao conhecimento. A mídia, ao assumir o papel de um aparelho ideológico da globalização, perde sua credibilidade, incentivada pela lógica mercantil acelerada (SOUZA, 2018). Isso leva à diminuição do seu poder investigativo e, como uma das consequências, os produtos jornalísticos perdem seu valor de troca.

Percebe-se, desse modo, que apesar de a crise ser identificada em diferentes países, os pesquisadores compreendem suas causas como distintas. Curran (2019) avalia que a crise contemporânea do jornalismo possui “três cabeças”: censura do governo, fontes da elite (política e econômica) e declínio econômico. Com isso, os jornalistas sofrem intimidações que os colocam “na linha” – e isso atormenta o campo porque em muitas partes do globo a mídia não é, em um sentido mais elementar, livre (CURRAN, 2019). Mesmo em sociedades democráticas, em que o jornalismo tem uma independência maior – em tese –, os veículos estão ligados ao establishment por meio das fontes das elites, consideradas mais confiáveis pelos profissionais, o que resulta em coberturas tendenciosas em favor das classes dominantes (SOUZA, 2018; CURRAN, 2019).

O terceiro aspecto da crise seria o declínio econômico, muito debatido pelos pesquisadores, impulsionado principalmente pela transferência da publicidade dos meios tradicionais para a internet. Em suma, a mídia tradicional teve sua qualidade reduzida, na visão de Curran (2019), mas ainda não conseguiu ser totalmente destronada e substituída por alternativas eficazes. Ao mesmo tempo, o jornalismo visto como um dos pilares da sociedade democrática, vigilante dos poderes, parece estar cada vez mais distante (SOUZA, 2018), já que as informações às quais o cidadão tem acesso vêm cada vez menos do jornalismo (DAHLGREN, 2010). No Brasil, o contexto de crise do jornalismo está aliado a uma forte crise econômica, política e institucional, em que os jornalistas nos últimos anos são ainda mais depreciados e atacados pelos governos² (em todas as esferas), assediados e controlados pelas elites econômicas e enfrentam uma grave crise econômica e de credibilidade (PONTES; MICK, 2018). Isso traz enormes implicações para a profissão, como debateremos a seguir.

² Historicamente, o jornalismo é assediado por poderes políticos e econômicos no mundo e no Brasil. Ainda assim, demarca-se que, desde 2013, a polarização pela qual passa o Brasil (em parte criada e alimentada pela mídia tradicional), a entrada de novos agentes midiáticos (as plataformas e redes sociais em destaque) e a acentuada crise econômica dos veículos aceleraram a deterioração editorial, a credibilidade e as condições de trabalho dos jornalistas.

Jornalista, redação e postos de trabalho

O jornalista de mídia é o que mais sofre com as crises que acometem a profissão, já que uma das primeiras ações das organizações para reduzir despesas são os cortes de postos de trabalho (ROBINSON, 2011). No Brasil, os grandes veículos da mídia tradicional foram, historicamente, responsáveis por empregar o maior número de jornalistas qualificados (RUSSI; MOSER; OLIVEIRA, 2015), o que lhes proporcionava boa estrutura para execução do trabalho e o que resultava em produtos de qualidade. Uma vez que os profissionais mais bem remunerados são cortados e essas vagas deixam de existir, a tendência é que a qualidade do produto dessas empresas também diminua (CURRAN, 2019; SOUZA, 2018; WIJK, 2015). Por outro lado, a situação de ausência estrutural de alternativas no mercado tradicional leva a um crescimento de organizações menores (sob a forma de empresas, organizações não governamentais, fundações e outras modalidades de arranjos produtivos), que suprem espaços no mercado em muito devido à redução de custos para a produção e distribuição de produtos jornalísticos (FIGARO, 2018).

Além disso, geralmente os profissionais mais velhos e experientes são demitidos – porque também tendem a ganhar mais – e esses cargos são preenchidos por jornalistas mais jovens e menos experientes, ou por *freelancers*, com a conseqüente terceirização da profissão (SILVA, 2014; ÖRNEBRING; CONILL, 2016; FIGARO, NONATO, 2017). A terceirização representa um dos processos que acentuou a saída dos jornalistas da atuação formal e remunerada na mídia. Para Örnebring e Conill (2016), a terceirização da produção de notícias sempre ocorreu no jornalismo. A criação das agências de notícias é um exemplo da designação a terceiros da produção de notícias internacionais, por exemplo (ÖRNEBRING; CONILL, 2016). Contudo, o que chama a atenção no contexto atual é a terceirização da produção de notícias locais, como foi o caso do *Chicago Tribune* e o *Houston Chronicle*, periódicos americanos que passaram a ter matérias produzidas nas Filipinas (ÖRNEBRING; CONILL, 2016).

Essa terceirização do processo de produção de notícias revela a busca pelo barateamento dos custos de produção. No Brasil, por exemplo, já se identifica uma tendência de pejetização da profissão (SILVA, 2014), ou seja, as relações de trabalho em regime CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas) passam a ser entre duas pessoas jurídicas – a empresa e o jornalista, que possui o Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ). A prática tenta eximir a empresa de cumprir obrigações trabalhistas, como direito às férias e ao décimo terceiro salário. Além disso, os jornalistas podem atuar como freelancer, não sendo caracterizados como funcionários daquela organização (FIGARO, 2014). A mesma tendência foi identificada em outros países, como na Suécia, onde apenas 4% dos jornalistas mantinham vínculo formal de trabalho com a empresa (WIJK, 2015); e na Grécia, onde pesquisadores constataram a predominância da flexibilidade das condições de trabalho, com poucos contratos permanentes (PAPADOPOULOU; ARCHONTAKIS, 2015).

Dentre as vagas formais, temos ainda profissionais experientes substituídos por recém-formados. Para Fígaro e Nonato (2017), a juvenilização das redações é uma estratégia para baratear custos, diminuir atritos e reduzir os questionamentos trabalhistas, éticos e ideológicos, e se trata de uma realidade histórica dos principais veículos brasileiros. Além disso, a precarização das relações de trabalho pode, inclusive, contribuir com as mudanças de ideais da profissão. Wiik (2015) constatou que valores profissionais que antes eram homogêneos estão se fragmentando, porque a visão que os profissionais mais jovens mantêm sobre a profissão difere daquela compartilhada pelos mais antigos. Curiosamente, os jovens são os que têm relações de trabalho mais precárias e com menos estabilidade.

Grohmann (2012), analisando o contexto brasileiro, foca especificamente nos jornalistas que atuam como *freelancers* em São Paulo, a maioria mulheres, com mais de 31 anos, brancas, solteiras e no mesmo trabalho há um ano. A partir de um estudo de recepção, o pesquisador constata que essas profissionais trabalham mais em casa, sozinhas, e com carga horária de trabalho diária de oito horas. A faixa salarial varia

de R\$ 2 mil a R\$ 4 mil (GROHMANN, 2012). Nesse contexto, o autor identifica que os jornalistas aceitam as regras do jogo, sendo que há poucos discursos contra-hegemônicos.

Os profissionais dividem-se entre os “*freelas por opção*” e “*por imposição*”, sendo que os primeiros atuam nessa condição de trabalho porque preferem – acreditam ter mais liberdade do que na redação; enquanto os últimos foram obrigados, devido às demissões e situação do mercado (GROHMANN, 2012). O que isso representa em termos de qualidade jornalística também é algo pontuado na pesquisa. Grohmann (2012) relata que os jornalistas acreditam que “o frila seria uma válvula de escape para um mundo burocrático e conseguiria, de alguma forma, exercer aquele ‘jornalismo para mudar o mundo’” (GROHMANN, 2012, p. 257). Por outro lado, o autor reconhece que essa aspiração fica apenas no discurso, no imaginário, já que observa a incapacidade de os jornalistas refletirem criticamente sobre suas posições, bem como não se compreendem como parte de uma categoria ocupacional.

Embora tenhamos características similares nas situações que compõem o cenário em vários países sobre as transformações do jornalismo contemporâneo, no Brasil há particularidades. Uma delas é a produção jornalística de pequena escala (ROCHA, 2018), produzida e organizada para ser consumida em localidades e centros regionais, fora do eixo Rio-São Paulo. Tal produção também entra em crise de modelo de gestão industrial (ROCHA, 2018). Demissões, precarização e terceirização fazem parte da realidade das redações do interior, dificultando a atuação no mercado formal pelos jornalistas.

Esse contexto de flexibilização das relações de trabalho leva a uma reestruturação das próprias rotinas produtivas, com atribuições de novas funções aos jornalistas (SOUZA, 2018) e exigências para que se produza mais com menos recursos. Isso resulta numa mudança tanto na forma de preparar a notícia, quanto no perfil profissional (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011) e nos valores da profissão (WIJK, 2015).

Detalhes sobre o percurso metodológico

Os dados da pesquisa *Perfil do Jornalista Brasileiro*, de 2012, foram obtidos por meio de um *websurvey*. O questionário desse primeiro levantamento foi aplicado em novembro de 2012 e obteve 4.200 respostas válidas, sendo que 2.791 integraram a amostra representativa do estudo (MICK; LIMA, 2013). A pesquisa obteve respostas de todos os estados brasileiros e foi a última realizada antes das jornadas de junho de 2013 e da crise política e econômica que se seguiu a esse marco (MICK; PONTES, 2018).

Com o objetivo de investigar a carreira desses profissionais, a pesquisa *Trajétórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros*, da qual este artigo faz parte, utilizou a base de dados dos 4.200 respondentes da pesquisa *Perfil do Jornalista Brasileiro* em 2012 – todos com e-mails válidos cadastrados. O questionário foi feito a partir do gerenciador *Survey Monkey* e enviado para o e-mail de todos os jornalistas dessa base, entre 16 de novembro e 14 de dezembro de 2017. As perguntas foram formuladas de modo que pudessem demonstrar a trajetória desses jornalistas nesses últimos cinco anos. Ao todo, obtivemos 1.273 respostas. Após o fim da coleta de dados, foi realizado o saneamento das informações fornecidas pelos respondentes, confrontando os dados das duas bases para confirmar se a pessoa era a mesma. Em caso negativo, a resposta era excluída. Além disso, os questionários iniciados, mas que não apresentavam a resposta quanto ao exercício ou não do jornalismo (após preenchimento dos dados de identificação), também foram excluídos. Ao final do saneamento, ficamos com 1.233 respondentes válidos, que integram o *corpus* total da pesquisa. Neste artigo, no entanto, procuramos investigar a trajetória dos jornalistas que trabalhavam na mídia em 2012, retirando os que atuavam como assessores, como docentes ou os que, por qualquer motivo, não estavam empregados em atividades jornalísticas. Dentre as 1.233 respostas, 517 desses profissionais atuavam como jornalistas em veículos jornalísticos quando participaram da primeira pesquisa. O recorte deste trabalho, portanto, diz respeito a essas 517 pessoas.

Cabe ressaltar que, diferente da pesquisa *Perfil do Jornalista Brasileiro*, a pesquisa *Trajetoárias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros* não oferece informações generalizáveis para a categoria. O objetivo é o de analisar trajetórias e oferecer demarcações quantitativas que demonstrem continuidades e mudanças nas carreiras dos respondentes.

O questionário enviado era composto por 72 perguntas. Para este artigo, trabalhamos com as seguintes variáveis: formação superior, área de formação, tipo de instituição de ensino em que se formou, área de atuação em 2017, tempo de trabalho como jornalista, quantidade de fontes de renda em funções jornalísticas. Essas informações são passíveis de comparação tanto nas respostas de 2012 quanto nas de 2017 para cada respondente. São como duas fotografias, em dois momentos históricos distintos, desses 517 profissionais.

Apresentação dos resultados

O perfil do profissional que atuava na mídia em 2012 era de jornalistas graduados em Jornalismo (94,4%), sendo que, destes, quase a metade se formou em instituição particular (48,1%) e 35,8% em universidades federais. No entanto, observamos mudanças no grau de ensino que o jornalista cursava quando participou das pesquisas. O destaque está no aumento de profissionais que voltaram para a academia para cursar mestrado (passou de 3,3% em 2012 para 5,6% em 2017) e doutorado (de 0,6% em 2012 para 4,8% em 2017). Esse resultado pode ser reflexo da quantidade de profissionais que deixaram a mídia no intervalo entre 2012 e 2017. O gráfico 1, a seguir, mostra em qual área de atuação os jornalistas estavam cinco anos depois.

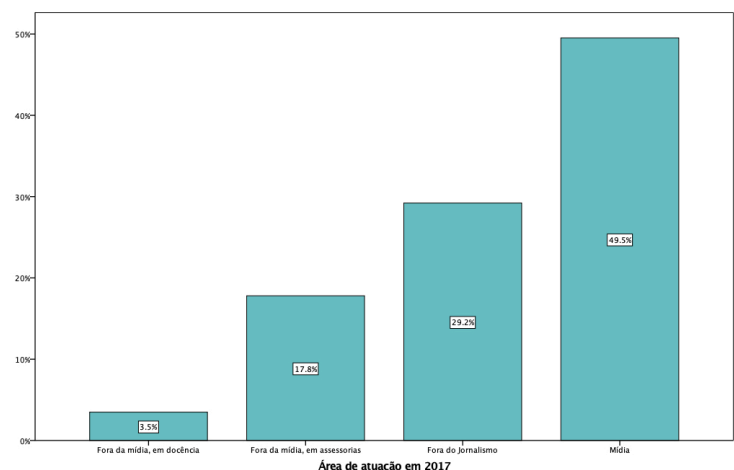


Gráfico 01: Migração dos jornalistas de mídia (2012-2017).

Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

O gráfico mostra que praticamente metade dos jornalistas migrou de área de atuação em 2017, comparado a 2012, sendo que apenas 49,5% permaneceram em funções jornalísticas na mídia. Esse número é extremamente expressivo, e evidencia os impactos da crise sobre a categoria. Dos que não permaneceram na mídia, 17,8% estavam desenvolvendo atividades como assessores de imprensa. Há uma pequena parcela que passou a exercer a docência, que representa 3,5% do total. Outro número que chama muita atenção é a quantidade de profissionais que não estão em nenhuma das categorias descritas anteriormente, que

totalizam 29,2%. Isso significa que pouco mais de um quarto dos profissionais que atuavam na mídia em 2012 deixaram de trabalhar em qualquer uma das áreas do jornalismo (como jornalistas da mídia, assessores ou docentes de jornalismo).

Os dados diferem entre homens e mulheres. A pesquisa *Perfil do Jornalista Brasileiro* mostrou que, entre os jornalistas que atuavam na mídia em 2012, 59,6% eram mulheres e 40,4% homens (PONTES, 2017). Os resultados que apresentamos a seguir indicam um cenário diferente. O gráfico abaixo mostra que, dentre os profissionais que se mantiveram no setor em 2017, 53,9% eram homens.

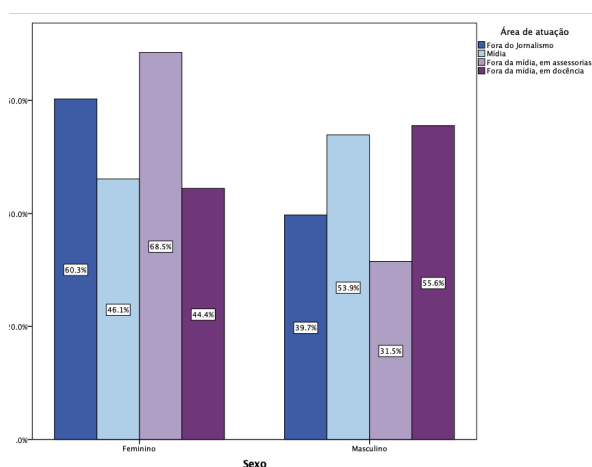


Gráfico 01: Migração dos jornalistas de acordo com o sexo (2012-2017)

Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Entre os que foram para a docência, 55% do total eram homens, enquanto as mulheres representavam 44%. Por sua vez, o percentual de mulheres em assessorias é mais do que o dobro dos homens – 68,5%, contra 31,5%. Os dados indicam que as mulheres transitaram mais do que os homens, já que deixaram as atividades propriamente jornalísticas e foram, principalmente, para as assessorias. Também porque elas foram as que mais sentiram as dificuldades do mercado de trabalho, uma vez que 60,3% das jornalistas não estavam trabalhando em nenhuma das opções em 2017 – estavam fora do mercado jornalístico. Esses dados não nos dizem como ou porque as profissionais saíram da mídia, mas a partir da investigação de Pontes (2017) sobre as diferenças de gênero entre mulheres e homens jornalistas, é possível ter alguns indicativos. Segundo o trabalho de Pontes (2017), também baseado nos dados da pesquisa *Perfil*, as mulheres recebiam salários inferiores aos homens em todas as faixas etárias, o que demonstra um problema estrutural de gênero. Além disso, a pesquisa indica que as mulheres ganhavam menos do que os homens, mesmo tendo a mesma idade, desempenhando a mesma função, com o mesmo grau de escolaridade, trabalhando em empresas de mesmo porte e com a mesma dedicação de tempo. Ou seja, tinham menor remuneração apenas por serem mulheres. Esse pode ser um fator explicativo para a maior migração das jornalistas para outras áreas de trabalho, quando comparada aos homens, abandonando a atividade jornalística, seja ela nos veículos jornalísticos, na assessoria ou na docência.

O próximo dado apresentado refere-se ao trabalho como jornalista e de onde o profissional estava em 2017, de modo mais detalhado. O que nos interessa aqui é saber para onde foram os 29,2% dos profissionais que não estavam no jornalismo, nas assessorias e tampouco na docência quando participaram da pesquisa. A tabela 1, a seguir, traz os resultados.

Tabela 1: Distribuição das questões por categoria

	FREQ.	%
Já trabalhei como jornalista ou professor de jornalismo, agora estou aposentado.	9	1,7
Já trabalhei como jornalista ou professor de jornalismo, agora estou desempregado	31	6,0
Já trabalhei como jornalista ou professor de jornalismo, agora voltei a estudar	20	3,9
Já trabalhei como jornalista ou professor de jornalismo. Estou empregado agora, mas não como jornalista	86	16,6
Sim	366	70,8
Não responderam adequadamente a questão	5	1,0
TOTAL	517	100,0

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019)

A tabela mostra que dos 151 jornalistas (aproximadamente 30% do total) que não atuavam no mercado de trabalho jornalístico em 2017, 86 (16,6%) estavam empregados, mas não como jornalistas. Os que saíram do mercado e continuam desempregados representavam 6%; 3,9% voltaram a estudar e 1,7% se aposentaram nesse período³. Sobre o tempo de atuação como jornalista ou professor de jornalismo, verifica-se que a grande maioria está concentrada entre dois e quinze anos de carreira, representando cerca de 70% da amostra.

³ Cinco respondentes indicaram em 2017 que nunca trabalharam como jornalistas ou professores de jornalismo, ainda que na pesquisa de 2012 tenham afirmado que trabalhavam na mídia, respondendo às questões específicas desse grupo. Resolvemos manter essas respostas na base e neste artigo devido ao critério utilizado de incluir todos que afirmaram trabalhar como jornalistas da mídia em 2012. Ademais, alguns desses sujeitos alegaram ter tempo de experiência como jornalista em outra questão, o que reforça a possibilidade de equívoco ao assinalar a resposta. O mesmo aconteceu com três casos da tabela 2. Desse modo, optamos por classificá-los na categoria “não responderam adequadamente à questão”.

Tabela 2: Distribuição das questões por categoria

ANOS COMPLETOS	FREQ.	%
Até 1	10	1,9
2 a 5	82	15,9
6 a 10	200	38,7
11 a 15	79	15,3
16 a 20	39	7,5
21 a 25	32	6,2
26 a 30	28	5,4
Acima de 31	44	8,5
Não responderam adequadamente a questão	3	0,6
TOTAL	517	100,0

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019)

Os resultados expressados acima evidenciam efeitos do processo de juvenilização dentre esses trabalhadores (FIGARO; NONATO, 2017). Poucos profissionais possuem longo tempo de carreira, sendo que apenas 7,5% têm de 16 a 20 anos de profissão. Os profissionais estão cada vez mais jovens, especialmente nas redações (TAVARES, 2018). Mesmo cinco anos depois da primeira pesquisa, eles continuam concentrados na faixa que tem de dois a dez anos de carreira, ressaltando, mais uma vez, que o mercado jornalístico é um lugar para jovens jornalistas.

Outro aspecto que podemos depreender dos dados é que os respondentes ficam períodos sem exercer o jornalismo, a assessoria ou a docência. Isso leva a uma alta rotatividade dos cargos, com uma pressão sobre profissionais mais experientes – e conseqüentemente, mais caros aos veículos – para serem substituídos pelos recém-formados (FIGARO; NONATO, 2017). Esse argumento, inclusive, ajuda-nos a compreender o processo de saída dos jornalistas para assessorias e, principalmente, para atividades fora do jornalismo.

A quantidade de fontes de renda também teve relativa mudança. Em 2012, a maioria dos profissionais em tela possuía apenas uma única fonte de renda (64,8%), o que se manteve em 2017, porém em menor quantidade (57,6%). Isso pode significar duas situações: i) aumentou o número de fontes de renda; ii) a pessoa perdeu a única fonte de renda que tinha. Cabe ressaltar que houve aumento de desempregados e estudantes, e que mais da metade dos respondentes já não está mais trabalhando como jornalistas da mídia. Outro fenômeno a se considerar é o encontrado por Figaro (2018), de que sujeitos exercem o jornalismo sem remuneração. A tabela 3 apresenta os dados completos.

Tabela 3: Quantidade de fontes de renda em funções jornalísticas

	2012		2017	
	Freq.	%	Freq.	%
Uma	335	64,8	298	57,6
Duas	115	22,2	123	23,8
Três	30	5,8	25	4,8
Quatro ou mais	13	2,5	8	1,5
Atuo como freelancer	23	4,4	39	7,5
Nenhuma	1	0,2	24	4,6
Total	517	100,0	517	100,0

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019)

O percentual de pessoas sem nenhuma renda cresceu de 0,2% entre os profissionais de mídia em 2012 para 4,6% em 2017. Por outro lado, também cresceu o número de profissionais que atuam como freelancer, passando de 4,4% para 7,5%. O jornalista freelancer é outra modalidade de emprego em crescimento na profissão, considerado por alguns autores como uma característica da precarização do trabalho. Já entre os profissionais, o que se verifica é que muitos consideram o freela um tipo de trabalho melhor do que na redação, uma vez que oferece mais liberdade; ou uma forma de se adaptar às conjunturas do mercado de trabalho. Ambas as visões se mostram conservadoras e confirmadas (GROHMANN, 2012).

A tabela a seguir trata do comparativo de horas trabalhadas pelos jornalistas entre os anos de 2012 e 2017. Para tornar a análise mais precisa, dividimos os dados entre os jornalistas que estavam na mídia em 2012 e permaneceram em 2017 (N = 255), e aqueles que estavam na mídia em 2012 e afirmaram estar em assessoria, na docência ou completamente fora do jornalismo em 2017 (N = 261)⁴. O primeiro dado que chama a atenção é justamente este: dos 516 respondentes, 261 deixaram a mídia no período de cinco anos.

⁴ Um jornalista que estava na mídia em 2012 e permaneceu em 2017 não informou a carga horária trabalhada em nenhum dos anos, por isso foi retirado das tabelas 4 e 5. Assim, o N total corresponde a 516 casos.

Tabela 4: Média de horas trabalhadas por dia em funções jornalísticas

CARGA HORÁRIA	Na mídia em 2017				Fora da Mídia em 2017 (assessores, docentes e atividades não jornalísticas)			
	2012		2017		2012		2017	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Em atividades não jornalísticas (fora do jornalismo)	0	0	0	0	0	0	151	57,9
Até 5 horas	19	7,5	28	11,0	31	11,9	12	4,6
Mais de 5 a 8 horas	133	52,2	145	56,9	136	52,1	61	23,4
Mais de 8 a 12 horas	95	37,3	78	30,6	87	33,3	33	12,6
Mais de 12 horas	8	3,1	4	1,6	7	2,7	4	1,5
TOTAL	255	100,0	255	100,0	261	100,0	261	100,0

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019)

Dentre os profissionais que deixaram a mídia, 110 migraram para as assessorias ou para a docência; e 151 saíram do jornalismo, ou seja, mudaram de profissão. Isso significa que a evasão no curto período de tempo foi extremamente significativa, como já apontava o gráfico 1. A saída do jornalismo atingiu profissionais que trabalhavam em todas as cargas horárias que compuseram a questão, o que reduz o peso dessa categoria como condicionante da exclusão de profissionais do campo. Ademais, a pesquisa não aferiu a nova carga horária de trabalho dos indivíduos que não atuam mais no jornalismo, o que não permite saber se houve redução do tempo dedicado ao trabalho. Outras pesquisas precisam ser realizadas nesse sentido, mas esses dados não servem para indicar que a saída dos profissionais do jornalismo ocorre devido a situações de excesso de trabalho. Ainda assim, as evasões ocorrem por causas alheias à vontade do trabalhador(a) – o que reforça as indicações já expressas de que a conjuntura econômica e de reestruturação do jornalismo têm impacto nessas saídas.

Dentre os 110 jornalistas que deixaram a mídia para atuar como assessores ou professores de Jornalismo, houve aumento daqueles que passaram a trabalhar mais de cinco a oito horas e redução dos que trabalhavam mais de oito a 12 horas. O número de sujeitos que trabalhavam menos de cinco horas e os com mais de 12 horas é o mesmo de 2012 e 2017. Ou seja, os que saíram para a assessoria e docência nesse período, em sua maioria, mantiveram a carga horária de trabalho, ainda que o quadro geral seja de pequena redução.

Observamos, ainda, uma leve redução da carga-horária entre os profissionais que permaneceram na mídia. Os que trabalhavam até cinco horas por dia correspondiam a 7,5% em 2012 e passaram a representar 11% em 2017. A quantidade de jornalistas que trabalham mais de cinco a oito horas aumentou de 52,2% em 2012 para 56,9% em 2017. Houve redução entre os que trabalhavam mais de oito a 12 horas (de 37,3% para 30,6%) e mais de 12 horas (3,1% para 1,6%). Nossa hipótese é que esses jornalistas passaram a ocupar outros cargos dentro do veículo e/ou mudaram sua condição de vínculo (passaram a atuar como freelancer, PJ, ingressaram no serviço público e etc.). Além disso, há diferenças nas jornadas de trabalho entre aqueles que trabalham no jornal impresso e os que atuam na televisão, rádio ou internet – o que também pode ser um fator explicativo, o qual procuraremos explorar em trabalhos futuros.

Por fim, apresentamos a média salarial dos jornalistas que permaneceram na mídia e daqueles que mudaram de ocupação no período de cinco anos. Com esta variável, buscamos identificar se houve reajuste na remuneração dos jornalistas que permaneceram na mídia e passaram a trabalhar entre cinco e oito horas. A tabela 5, a seguir, traz os resultados.

Tabela 4: Média de horas trabalhadas por dia em funções jornalísticas

REMUNERAÇÃO	Na mídia em 2017				Fora da Mídia em 2017 (assessores, docentes e atividades não jornalísticas)			
	2012		2017		2012		2017	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Sem renda em funções jornalísticas	0	0	0	0	34	13	151	57,9
Até 1 salário mínimo	9	3,5	3	1,2	16	6,1	2	0,8
Mais de 1 a 2 salários mínimos	15	5,9	13	5,1	48	18,4	9	3,4
Mais de 2 a 3 salários mínimos	42	16,5	32	12,5	48	18,4	15	5,7
Mais de 3 a 4 salários mínimos	44	17,3	42	16,5	44	16,9	31	11,9
Mais de 4 a 5 salários mínimos	39	15,3	36	14,1	4	1,5	0	0
Mais de 5 a 10 salários mínimos	60	23,5	90	35,3	1	0,8	38	14,6
Mais de 10 a 20 salários mínimos	35	13,7	30	11,8	5	1,9	13	5,0
Mais de 20 salários mínimos	6	2,4	4	1,6	40	15,3	1	0,4
Não informa	5	2,0	5	2,0	20	7,7	1	0,4
TOTAL	255	100,0	255	100,0	261	100,0	261	100,0

Salário mínimo em 2012: R\$ 622. Salário mínimo em 2017: R\$ 937

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019)

Dentre os profissionais que permaneceram na mídia nesse intervalo de tempo, constatamos que diminuiu o percentual dos que ganhavam até cinco salários mínimos, e cresceu mais de 10 pontos percentuais aqueles que passaram a receber mais de cinco a 10 salários. Isso correspondia, em 2017, a um rendimento entre R\$ 4.685 e R\$ 9.370. Ou seja, os jornalistas que permaneceram tiveram um aumento no salário, ainda que o número de trabalhadores com mais de dez salários mínimos tenha uma queda relativa nos cinco anos em tela. Já entre os que deixaram os veículos jornalísticos, o dado mais expressivo corresponde aos 40 jornalistas que ganhavam mais de 20 salários mínimos em 2012. Em 2017, apenas um trabalhador permaneceu em atividades de assessoria ou docência com salário similar. Isso significa que os 39 profissionais que ganhavam mais de R\$ 12,4 mil em 2012 ou saíram do jornalismo no período de cinco anos ou passaram a ganhar menos.

Conclusões

Com os dados coletados a partir da pesquisa *Perfil do Jornalista Brasileiro (2012)*, na comparação com os dados obtidos na etapa sobre as *Trajetoárias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros (2017)*, é possível demonstrar aproximações entre a literatura sobre crise e os movimentos realizados pelos jornalistas, no decorrer dos cinco anos. O primeiro ponto que merece destaque e que chamou muito a atenção é que mais da metade dos profissionais que trabalhavam como jornalistas em 2012 estavam em assessoria, na docência ou em atividades não-jornalísticas em 2017 – este último grupo representou 30% dos casos. As mulheres foram as mais atingidas – o que exige estudos específicos que reflitam sobre as carreiras das jornalistas e aprofundem dados já demarcados por Pontes (2017). Consideramos este um percentual muito alto, pois observamos que praticamente um terço dos jornalistas não deixaram a atividade tradicional de jornalista de mídia, mas sim a profissão em si. Outro dado considerável é referente aos profissionais que saíram do jornalismo: pouco mais da metade está empregada, sendo que outra metade está sem renda (desempregada ou em estudo). Acreditamos que esses dados são muito expressivos, considerando o curto intervalo de tempo entre um levantamento e outro.

Dentre os profissionais que permaneceram em atividades jornalísticas na mídia, constatamos algo que a literatura já indica, que é o processo de juvenilização das redações (MICK; LIMA, 2013; FÍGARO, 2014), situação percebida, inclusive, pelos profissionais que continuam trabalhando nesses espaços (TAVARES, 2018). Isso reforça a dimensão de que pode haver um “teto de vidro” dentre as hierarquias superiores do jornalismo, e mesmo de permanência na redação conforme se avança o tempo do sujeito na carreira – dimensão corroborada pelo alto índice de profissionais fora das atividades jornalísticas na mídia passados cinco anos de carreira.

Outro ponto interessante é que os salários dos profissionais que permaneceram nas redações tiveram aumento. Contrariando nosso pressuposto inicial, os jornalistas de redação que estavam na mídia em 2012 e permaneceram em 2017 passaram a ganhar mais e, em termos gerais, não houve aumento da carga horária de trabalho (que era alta em 2012 e teve leve redução em 2017). Compreender o motivo que levou a esse resultado – como, por exemplo, a mudança de cargo – é essencial para entendermos essa ascensão, algo que vai além dos propósitos desta pesquisa.

Percebemos o impacto do salário e carga-horária quando olhamos para os profissionais que estavam na mídia em 2012, mas que saíram no intervalo de cinco anos. Daqueles que deixaram os veículos jornalísticos, mais da metade mudou de profissão. O restante migrou para as assessorias ou foram para a docência – dentre estes, o salário aumentou e a carga horária diminuiu. Outro resultado que merece destaque é que praticamente todos os jornalistas que estavam na mídia em 2012 ganhando mais de 20 salários mínimos saíram da profissão ou passaram a ganhar menos.

Por fim, constatamos que dentre as pessoas que trabalhavam em atividades jornalísticas na mídia e que responderam à pesquisa *Perfil do Jornalista Brasileiro* em 2012, predominavam mulheres, diplomadas por instituição particular. A maioria tinha uma única fonte de renda, com uma variação de dois a 10 salários mínimos e com carga-horária diária de trabalho de cinco a oito horas. Tais respondentes que ainda atuavam na mídia, cinco anos depois, participantes da pesquisa *Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros* (2017), foram reduzidos a menos da metade, eram na maioria homens, com carga horária de trabalho semelhante ao quadro de 2012, de cinco a oito horas, predominantemente com uma fonte de renda e com média salarial de três a dez salários mínimos.

Os resultados apresentados neste estudo dão indícios de como os jornalistas brasileiros foram afetados pela crise nos últimos anos. O objetivo não é oferecer um resultado generalizável, mas sim apresentar evidências para compreender por trajetória e o que mudou na carreira desses profissionais. Neste artigo, optamos por apresentar os dados gerais descritivos sobre o trabalho em si, mas textos futuros contemplarão análises mais aprofundadas sobre essas mudanças na trajetória, já que a crise atingiu os jornalistas que atuam em diferentes áreas, levando uma parcela significativa a abandonar a profissão.

Referências

ADGHIRNI, Zélia Leal. Informação on-line: jornalista ou produtor de conteúdos? **Contracampo**, n. 6, p. 137-152, 2002.

_____. O jornalista: do mito ao mercado. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 2, n. 1, p. 45-57, 2005.

ALEXANDER, Jeffrey C. Introduction: Journalism, democratic culture, and creative reconstruction. In: ALEXANDER, Jeffrey C.; BREESE, Elizabeth Butler; LUENGO, María (Eds.). **The crisis of journalism reconsidered: Democratic culture, professional codes, digital future**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 1-30.

ANDRÉ, Hendry; WINQUES, Kérley. Valores de uma profissão em crise: tensões e desafios de jornalistas de veículos tradicionais em meio à consolidação da internet no modo de fazer jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, v. 15, n. 1, p. 230-253, 2019.

BIRD, Elizabeth. The future of journalism in the digital environment. **Journalism**, v. 10, n. 3, p. 293-295, 2009.

_____. The perpetual crisis of journalism: Cable and digital revolutions. In: ALEXANDER, Jeffrey C.; BREESE, Elizabeth Butler; LUENGO, María (Eds.). **The crisis of journalism reconsidered: Democratic culture, professional codes, digital future**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 31-42.

CARLSON, Matt. Where once stood titans: second-order paradigm repair and the vanishing US newspaper. **Journalism**, v. 13, n. 3, p. 267-283, 2011.

CARVALHO, Eleonora de Magalhães. **Jornalismo em rede: a Blogosfera Progressista como ecossistema midiático**. 2017. 260 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense, Departamento de Estudos Culturais e de Mídia, 2017.

CHADWICK, Andrew. **The hybrid media system**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean de. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Insular; Brasília: FAC Livros, 2016.

CURRAN, James. Triple crisis of journalism. **Journalism**, v. 20, n. 1, p. 190-193, 2019.

DAHLGREN, Peter. **Charting the evolution of Journalism: the horizon of democracy**. Media Studies, v. 1, n. 2, p. 3-17, 2010.

DE MATEO, Rosario; BERGÉS, Laura; GARNATXE, Anna. Crisis, what crisis? The media: business and journalism in times of crisis. **TripleC**, v. 8, n. 2, p. 251-274, 2010.

DEUZE, Mark. The Web and its Journalisms: Considering the Consequences of Different Types of Newsmedia Online. **New Media & Society**, v. 5, n. 2, p. 203-230, 2003.

_____; ELEFANTE, Phoebe; STEWARD, Brian. Media work and the recession. **Popular Communication**, v. 8, n. 3, p. 226-231, 2010.

DEVITO, M. A. From Editors to Algorithms. **Digital Journalism**, v. 5, n. 6, p. 753-773, 2017.

FENAJ - Federação Nacional dos Jornalistas. **Manual de Assessoria de Imprensa**. Brasília: Fenaj, 2007.

FIGARO, Roseli. Jornalismo e trabalho de jornalistas: desafios para as novas gerações no século XXI. **Parágrafo**, v. 2, n. 2, p. 23-37, 2014.

_____. **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia** - relatório de pesquisa. São Paulo: USP, 2018.

FRIEDSON, Eliot. Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ano 11, n. 31, p. 141-155, jun. 1996.

GROHMANN, Rafael do Nascimento. **Os discursos dos jornalistas freelancers sobre o trabalho: comunicação, mediações e recepção**. 272 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2012.

HALLIN, Daniel; MANCINI, Paolo. **Comparing media systems: three models of media and politics**. Nova York: Cambridge University Press, 2004.

McCHESNEY, Robert W. The Problem of Journalism: a political economic contribution to an explanation of the crisis in contemporary US journalism. **Journalism Studies**, v. 4, n. 3, p. 299-329, 2003.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

NIELSEN, Rasmus Kleis. The many crises of Western journalism: A comparative analysis of economic crises, professional crises, and crises of confidence. In: ALEXANDER, Jeffrey C.; BREESE, Elizabeth Butler; LUENGO, María (Eds.). **The crisis of journalism reconsidered: Democratic culture, professional codes, digital future**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 77-97.

ÖRNEBRING, Henrik; CONILL, Raul Ferrer. Outsourcing newswork. In: WITSCHGE, Tamara; ANDERSON, C.W.; DOMINGO, David; HERMIDA, Alfred. (Eds.). **The Sage Handbook of Digital Journalism**. Sage Publications, 2016, p. 207-221.

PONTES, Felipe Simão. Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico: o perfil das jornalistas brasileiras. **E-Compós**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 1-15, 2017.

_____.; MICK, Jacques. Crise e mercado de trabalho: trajetórias profissionais de jornalistas no Brasil (2012-2017). In: Encontro Anual da Compós, Belo Horizonte, 2018. **Anais [...]**, Belo Horizonte, 2018.

ROBINSON, Sue. Convergence crises: news work and news space in the digitally transforming newsroom. **Journal of Communication**, v. 61, p. 1122-1141, 2011.

ROCHA, Paula Melani. Desafios Tecnológicos e de Gestão impactam veículos brasileiros de pequena escala. **Observatório da Imprensa**, edição 986, 9 de maio de 2018. Disponível em: <http://www.observatoriodaimpresa.com.br/crise-na-imprensa/desafios-tecnologicos-e-de-gestao-impactam-veiculos-brasileiros-de-pequena-escala/>

RUSSI, Anna Carolina; MOSER, Magali; OLIVEIRA, Maurício. O que o futuro nos reserva? In: CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Questões para um jornalismo em crise**. Florianópolis: Insular, 2015, p. 17-31.

SANTOS, Marcelo Alves dos. Campanha não oficial: a rede antipetista na eleição de 2014. **Fronteiras**, v. 19, n. 1, p. 102-119, 2017.

SILES, Ignacio; BOCZKOWSKI, Pablo. Making sense of the newspaper crisis: A critical assessment of existing research and an agenda for future work. **New Media & Society**, v. 14, n. 8, p. 1375-1394, 2012.

SILVA, Cláudio Marcos da. **A precarização da atividade jornalística e o avanço da pejetização**. 2014. 215f. (Dissertação - Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2014.

SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues de. A dialética da crise do jornalismo: o sociometabolismo do capital e seus limites estruturais. **Intercom**, v. 41, n. 2, p. 55-69, 2018.

TAVARES, Camilla Quesada. **A crise do modelo tradicional de jornalismo**: Reconfiguração da prática profissional na redação da Gazeta do Povo. 2018. 213f. (Tese - Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2018.

VAN DER HAAK, Bregtje; PARKS, Michael; CASTELLS, Manuel. **The Future of Journalism**: Networked Journalism. *International Journal of Communication*, n. 6, p. 2923-2938, 2012.

WIJK, Jenny. Internal boundaries: The stratification of the journalistic collective. In: CARLSON, Matt; LEWIS, Seth C. (Eds). **Boundaries of Journalism**: professionalism, practices and participation. Oxfordshire e Nova York: Routledge, 2015.

YOUNG, Sally. The journalism "crisis". **Journalism Studies**, v. 11, n. 4, p. 610-624, 2010.

ZELIZER, Barbie. Terms of choice: uncertainty, journalism and crisis. **Journal of Communication**, n. 65, p. 888-908, 2015.

Informações para textos em coautoria

Concepção e desenho do estudo

Camilla Quesada Tavares e Cintia Xavier.

Aquisição, análise ou interpretação dos dados

Camilla Quesada Tavares, Cintia Xavier e Felipe Simão Pontes.

Redação do manuscrito

Camilla Quesada Tavares, Cintia Xavier e Felipe Simão Pontes.

Revisão crítica do conteúdo intelectual

Camilla Quesada Tavares e Felipe Simão Pontes.

Informações sobre o artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese

O artigo é resultado da pesquisa “*Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros (2012-2017)*”, desenvolvida por pesquisadores da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Maranhão.

Fontes de financiamento

A pesquisa não recebeu financiamento de nenhum órgão de fomento.

Considerações éticas

A pesquisa não tramita em nenhum comitê de ética.

Declaração de conflito de interesses

Declaramos não haver nenhum conflito de interesse na realização da pesquisa.

Apresentação anterior

Os dados apresentados neste artigo são inéditos e o texto não foi apresentado em nenhum evento.

Agradecimentos/Contribuições adicionais [a critério dos autores]

Os autores agradecem a equipe que participou da fase de coleta e discussão dos dados, que permitiram a realização deste estudo.